A tentar compreender o que é realmente a economia real

É muito importante que, antes de começar a falar dos mercados propriamente ditos, do ouro, do dólar, das bolsas ou de qualquer coisa que vamos operar, se entenda sem margem para dúvidas o que é realmente a economia, porque se essa base nos seus alicerces estiver mal compreendida, tudo o resto que aprendermos estará construído sobre areia e bases que não durarão, e é exatamente isso que acontece à grande maioria das pessoas que entram no trading, visto que veem as velas, os movimentos rápidos e a dinâmica geral de comprar e vender, e ficam entusiasmadas, mas acabam por isolá-lo da economia real e a vê-lo de uma forma distorcida que não existe, enquanto outros cometem o erro de a ter em conta, mas interpretam-na puramente com base nos conhecimentos teóricos da narrativa oficial ou das universidades típicas, terminando ambas as abordagens em perda e sem construir algo rentável a longo prazo, já que a realidade do dia a dia é completamente diferente daquilo que a maioria procura e pensa; a verdadeira relação da economia real com os mercados é complexa e mutável, não se baseando numa fórmula estável de resultados, falar hoje de inflação, de taxas de juro, de PIB, de emprego ou de política monetária significa algo concreto que acaba por apoiar uma respetiva direção, seja no ouro ou noutro mercado numa leitura profissional e real para os mercados atuais, mas dentro de 1 ano os mesmos dados e os seus resultados, nessa mesma leitura profissional, podem influenciar os mercados de forma completamente contrária a como o tinham feito no ano anterior, basicamente por 3 elementos principais: 1. a economia real e a sua descorrelação da oficial é mutável, por vezes é maior, por vezes é menor; 2. os mercados são puramente mutables em todos os sentidos, por vezes pode usar-se uma inflação alta para justificar tendências de ativos concretos, e outras vezes a mesma inflação alta pode não beneficiar o ativo que beneficiou no passado, isso depende puramente daquilo que verdadeiramente move os mercados, não é algo propriamente da economia real e dos seus resultados, mas sim que os mercados usam os dados da economia real para se moverem conforme seja adequado à sua própria dinâmica; 3. na atualidade, os mercados regem-se por pura especulação e isso torna completamente impossível que algo tão volátil (que se move tão rápido em pouco tempo) possa representar algo que é gradual e diferente como são os indicadores reais da economia real, sendo assim, os movimentos que vemos dia a dia nos mercados, incluindo o ouro, não se devem à economia real, nem são produzidos ou sustentados por ela; uma coisa é algumas vezes encaixarem com o comportamento das métricas da economia real, mas não significa de modo algum que sejam produzidos e causados por ela, mas sim que o que acontece é que quando um mercado que teoricamente é influenciado por âmbitos concretos da mesma se correlaciona com os dados da economia real na sua direção, pensa-se usualmente e teoricamente que foram os dados que provocaram esse movimento, mas não, na realidade o próprio mercado os produziu, e usa como suporte narrativo o facto de existirem dados económicos reais para os justificar, fazendo com que desta forma os mercados não pareçam completamente afastados e independentes da economia real, contudo, na sua raiz interna e dinâmica, estão-no verdadeiramente em 70%.

Quis deixar isto bem claro porque hoje em dia vemos muitos movimentos erráticos que não têm nada a ver com a economia e, no entanto, acontecem porque são puramente especulativos e fazem parte de uma dinâmica muito maior; contudo, os órgãos de comunicação social e as teorias típicas com que a maioria se depara tentam justificá-los usando diversos elementos, dados ou notícias da economia, mas isso deve-se

simplesmente a duas opções: 1. porque não sabem minimamente a conexão real do mundo económico real com o financeiro, e limitam-se a relatar notícias como robôs, ou 2. sabem-no, mas encobrem-no para defender a narrativa de mercado atual e evitar que haja suspeitas de que existiu algo mais do que simples dados ou notícias a provocar movimentos tão fortes e brutais no dia a dia em todos os mercados mundiais; agora sim, depois de deixar esta diferença tão super importante muito clara e explicada, procederei a explicar o que realmente representa a economia real nestes momentos atuais, e aí vocês irão entendendo melhor estas bases que são necessárias e elementares para ter um conceito mais amplo do que é verdadeiramente o trading, e repito elementares, porque o trading está cheio de conceitos e elementos que demoram anos a lapidar e compreender por completo, e mesmo especialistas com muitos anos não os chegam a lapidar totalmente devido ao quão irracionais, complexos e por vezes erráticos são todos os mercados em geral.

Ora bem, para compreender o que representa a economia real nestes momentos atuais é preciso partir de algo fundamental, que é o facto de a economia real estar numa fase de deterioração estrutural muito profunda, mas essa deterioração não se vê refletida naquilo que os governos publicam mês a mês, mas sim no que cada indivíduo vive no seu próprio bolso, no seu próprio trabalho, no seu próprio meio, e esse contraste entre o que é publicado oficialmente e o que as pessoas vivem na rua é a primeira prova de que existem duas economias a funcionar ao mesmo time: uma construída com números maquilhados para sustentar a confiança pública e manter os mercados financeiros a operar dentro de um guião conveniente, e outra real, super diferente, que se sente cada vez que se vai ao supermercado, cada vez que se paga a renda, cada vez que vês como os reformados podem comprar menos coisas com a sua pensão do que há cinco anos, cada vez que um pequeno negócio fecha num bairro e ninguém o volta a abrir; essa segunda economia é a verdadeira, e é essa que se deve aprender a ler se se quiser construir um critério próprio dentro do trading, porque enquanto se continuar a acreditar puramente na primeira, a coisa acabará mal, mesmo que funcione durante algum tempo devido à especulação e ao estado inflacionado dos mercados, estarás sempre a interpretar mal cada movimento e estarás sempre num estado vulnerável onde, de um momento para o outro, como ocorre ao longo da história, a primeira procura correlacionar-se com a segunda, e ocorre uma crise gigante onde toda essa acumulação de mentiras dos fatores económicos desaparece; portanto, embora aos olhos de um especulador principiante a narrativa oficial possa funcionar temporariamente, a longo prazo não serve a um trader sólido que queira estar no cenário mais provável e não no mais vulnerável.

A economia real atual dos países desenvolvidos, e especialmente a dos Estados Unidos, que é a que mais nos interessa por ser a que mais move os mercados financeiros mundiais, está sustentada por mecanismos que funcionam há décadas, mas que chegaram a um ponto em que já não se podem esticar muito mais; esses mecanismos são basicamente quatro e cada um significa algo muito contrário ao que dizem as teorias económicas desse mesmo país: primeiro, a emissão contínua de dívida pública para financiar o funcionamento do Estado; segundo, a impressão monetária por parte do banco central para comprar parte dessa dívida e manter as taxas artificialmente baixas quando o sistema necessita; terceiro, o domínio do dólar como moeda de reserva mundial que obriga outros países a aceitar a dívida norte-americana mesmo que não queiram; e quarto, a força militar e os acordos comerciais internacionais que sustentam esse domínio do dólar; sem estes quatro pilares, o sistema já teria colapsado há muito tempo, mas como esses pilares continuam ativos, esse sistema mantém-se, e enquanto se mantiver, os mercados financeiros podem continuar

a funcionar como funcionam, completamente descorrelacionados da economia real e com dinâmicas próprias que já não têm quase nada a ver com a saúde económica do país que os acolhe; isto é importante porque, por exemplo, atualmente explica por que razão as bolsas norte-americanas podem estar a atingir máximos históricos enquanto a economia real do país se deteriora ano após ano, existindo apenas edifícios bonitos, mas atrás desses edifícios de bancos e do Estado há uma realidade económica diferente em cada norte-americano; portanto, isso não é uma contradição do sistema, es uma característica do sistema na sua fase atual.

Agora, dentro da economia real há três áreas concretas que têm de ser compreendidas porque são as que mais afetam a narrativa económica dos mercados: a inflação, o emprego e a atividade produtiva, e vou explicar-vos cada uma delas focado no que é real e não na narrativa da economia financeira.

A inflação real, não a oficial, está em níveis muito superiores aos que são publicados, isso podem verificar vocês mesmos comparando o que pagam hoje pelas coisas com o que pagavam há 3 ou 4 anos; os componentes do cabaz oficial estão escolhidos e ponderados para suavizar o dado, os produtos que mais sobem são substituídos ou é-lhes reduzido o peso, e o valor final que se publica acaba por ser uma versão cosmética da inflação verdadeira, isto é metodologia pública que qualquer pessoa pode rever se se der ao trabalho de o fazer; assim, enquanto a oficial parece estável, a inflação real sobe internamente e afeta todos os produtos e serviços básicos que circulam constantemente na economia; a inflação real, na sua raiz mais profunda, surge de um processo muito concreto, não é um fenómeno abstrato que surge do nada, surge quando há um desajuste entre o que um país realmente produz e o que consome; quando esse desajuste se torna estrutural e se mantém no tempo, os preços dos bens e serviços sobem porque há menos coisas reais disponíveis face à quantidade de dinheiro a circular, e é exatamente isso que está a acontecer há décadas nos Estados Unidos e em boa parte do mundo desenvolvido; é preciso compreender que a economia real, desde as suas bases mais antigas, funciona tal como há centenas de anos: alguém tem de produzir algo concreto, uma ferramenta, um alimento, uma peça de vestuário, uma matéria-prima, alguém tem de transformá-lo num produto utilizável, alguém tem de o transportar, armazenar, distribuir e, finalmente, alguém tem de o vender numa loja ou mercado onde outro cidadão o compra para usar; essa cadeia que vai desde a terra, a mina, o campo ou a fábrica até à prateleira da loja é a economia real na sua forma mais pura, e essa cadeia não mudou na sua dinâmica desde os tempos antigos, o único que mudou foram as ferramentas, os meios de transporte e a velocidade, mas os princípios continuam a ser os mesmos: alguém produz, alguém transforma, alguém transporta, alguém vende, alguém compra, e todos os que participam nessa cadeia vivem de acrescentar valor real ao produto que chega ao consumidor final; essa é a coluna vertebral de qualquer sociedade económica funcional e, enquanto essa coluna estiver saudável, a economia está saudável; quando essa coluna se debilita, a economia debilita-se mesmo que os números digam o contrário; a inflação real, na sua raiz, aparece quando essa coluna vertebral perde o equilíbrio, quando a quantidade de bens produzidos por uma sociedade não chega para cobrir o que essa sociedade necessita ou deseja consumir, os preços sobem porque há mais procura a perseguir menos coisas, e isso ocorre por motivos estruturais muito concretos: primeiro, quando a produção interna se reduz por causas como a perda de capacidade agrícola, esgotamento de recursos, más colheitas, abandono de ofícios produtivos, desmantelamento da indústria local ou diminuição da mão de obra dedicada a produzir bens tangíveis; segundo, quando o dinheiro que circula

nessa sociedade cresce mais rápido do que a produção real, seja porque se emite mais quantidade sem lastro ou porque entra capital de fora à procura de bens que não existem em medida suficiente; terceiro, quando os custos dos insumos básicos como a energia, o transporte, as matérias-primas ou os alimentos encarecem devido a interrupções na cadeia de produção ou distribuição, encarecendo por sua vez tudo o que depende deles; esses três motivos são os que geram inflação verdadeira e são os que geraram inflação em qualquer sociedade desde que existe comércio, não é algo novo, não é algo moderno, é um mecanismo económico básico que se repete cada vez que a produção real se desequilibra em relação ao consumo e à quantidade de dinheiro; a única novidade é a sofisticação com que se tenta dissimulá-lo através de números maquilhados, metodologias mutáveis e narrativas oficiais, mas a raiz continua a ser a mesma: menos produção real perante mais procura ou mais dinheiro novo que faz com que aquele que existia antes valha menos, e preços a subir; essa é a fórmula por mais que se manipulem os números, os preços terminam sempre por refletir essa realidade subjacente porque a economia real obedece a leis próprias que nenhum governo pode reverter indefinidamente, porque não se pode distorcer a realidade permanentemente, apenas temporalmente, e é isso que fazem os mercados e as economias financeiras atuais.

O emprego na economia real, entendido na sua forma mais pura, é a participação de um indivíduo dentro dessa cadeia produtiva que vai desde a terra até ao consumidor final; um emprego de valor na economia real é aquele em que o trabalhador acrescenta algo concreto ao sistema, quer seja a cultivar, a fabricar, a transformar, a transportar, a distribuir, a prestar atendimento ou a criar um bem ou serviço de que outros realmente necessitam; esse emprego gera duas coisas ao mesmo time: um rendimento para quem o realiza e um valor real que entra no sistema económico; essa dupla função é o que sustenta a cadeia de valor; quando a maioria dos empregos cumpre com essa dupla função, a economia está saudável porque há produção, distribuição, consumo e circulação de dinheiro respaldada por bens tangíveis; contudo, o grande problema começa quando uma sociedade permite que cresçam empregos que cumprem apenas a primeira função, mas não a segunda, ou seja, empregos onde o trabalhador recebe um salário mas não acrescenta produção real ao sistema; esses empregos podem parecer úteis individualmente, mas estruturalmente são um encargo porque consomem recursos sem gerar bens que os respaldem; quando esse tipo de empregos cresce demasiado em proporção ao total (principalmente por corrupção ou cargos do Estado que não produzem), a economia desequilibra-se porque há mais dinheiro a circular entre mãos sem que cresça a quantidade de coisas reais que esse mesmo dinheiro pode produzir, apenas gastar, e isso liga-se diretamente ao que acabo de explicar sobre a inflação; por isso, não se trata apenas de quantas pessoas trabalham, mas sim que tipo de trabalho realizam e se esse trabalho acrescenta valor real ou apenas move recursos sem os gerar; esse detalhe é o que separa uma economia real resistente teórica de uma economia oca, embora ambas possam apresentar números de emprego semelhantes nos seus boletins oficiais, a reality interna é super diferente.

A atividade produtiva, que é o terceiro pilar, é a soma total daquilo que uma sociedade é capaz de gerar a partir dos seus próprios recursos, da terra que habita temporariamente, dos seus próprios trabalhadores e dos seus próprios meios; uma atividade produtiva saudável significa que essa sociedade consegue cobrir as suas necessidades básicas com o que ela própria produz: alimentos, energia, matérias-primas, produtos manufaturados, ferramentas, transporte, habitação; tudo o que é importante deveria poder produzir-se internamente, pelo menos numa proporção significativa; quando um sistema económico é capaz de fazer

isso, a sua economia real tem autonomia e resistência para passar por crises, conflitos externos, disrupções globais, sem colapsar tão rápido porque a sua base produtiva a sustenta; quando uma sociedade perde essa capacidade e depende de outras para quase todo o que consome, a sua economia real é frágil, embora os seus números pareçam saudáveis, porque qualquer interrupção externa a deixa exposta; a atividade produtiva não se mede apenas pelo volume de atividade económica registada, mede-se pela capacidade de produção tangível dentro do próprio território, porque se pode ter muita atividade económica registada mas estar a produzir pouco realmente, visto que a sua atividade se baseia em intermediar produtos importados, mover dinheiro, prestar serviços secundários ou gerir processos administrativos; tudo isso aparece como atividade económica nas estatísticas, mas não acrescenta produção real à sociedade económica; há que diferenciar constantemente entre atividade registada e produção tangível, sendo uma das coisas mais importantes para compreender por que razão muitas sociedades modernas parecem prósperas nos dados mas estão vazias por dentro: a sua capacidade real de produzir foi-se erosionando com o tempo e resta apenas a aparência de atividade sustentada pelo consumo, importação e especulação; tudo isto também se relaciona basicamente com o que vemos nas ruas atualmente: edifícios, decorações caras em espaços públicos do Estado, infraestruturas avançadas, contudo tudo isso que vemos é construído com dinheiro emprestado, juros, grandes dívidas, e tudo cria o ambiente onde as cidades parecem grandes e bonitas, mas a grande maioria dos seus habitantes tem uma economia completamente diferente daquela que a cidade aparenta; basicamente, este sistema foi construído sobre aparências muito refinadas para que os dados, as métricas, as construções públicas e a tecnologia ocultem a realidade dos habitantes de cada nação.

Assim, encerro esta aula, sendo a primeira de muitas que irei enviar semana a semana; fica claro que a economia real é completamente alheia ao especulativo e ao financeiro em geral, sendo puramente produção, transformação, transporte, distribuição e consumo de bens e serviços reais; essa cadeia é o que sustenta uma sociedade funcional há muitíssimos anos, e é um impossível total que os mercados atuais sejam movidos por ela; apenas os próprios mercados por vezes se adaptam para encaixar os seus movimentos de modo a não parecerem algo puramente distante, como disse anteriormente, tal como por vezes os mercados usam a economia real como desculpa para movimentos fortes e outras vezes não, ou seja, existe uma correlação concreta mas é exclusivamente momentânea, não permanente nem causadora dos movimentos de capitais fortes em si, visto que a verdadeira força que rege e move os mercados está completamente fora da economia real; espero ver o que acharam deste PDF, e até à próxima.